

APRESENTAÇÃO

FONOLOGIA – VARIAÇÃO, AQUISIÇÃO,
RELAÇÃO COM A ESCRITA

Cíntia da Costa Alcantâra
Maria José Blaskovski Vieira
(Organizadoras)

É com satisfação que trazemos a público mais uma edição do Caderno de Letras da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Nesta edição, de número 24, primeiro semestre de 2015, estão reunidos estudos na área de Fonologia, desenvolvidos por pesquisadores vinculados a diferentes instituições brasileiras. Os trabalhos que compõem este número abordam questões relacionadas à variação fonológica, à aquisição da fonologia do português como língua estrangeira e como língua materna e à relação da fonologia com a língua escrita. Com essa publicação, trazemos ao leitor interessado na área da Fonologia análises de fenômenos linguísticos vistos sob diferentes perspectivas teóricas.

No primeiro artigo, *Padrões sonoros emergentes (oclusiva alveolar + sibilante) no Português Brasileiro*, Thaís Cristóforo Silva e Camila Leite defendem a ideia de que a emergência de encontros consonantais envolvendo oclusiva alveolar seguida de sibilante decorre da interação de fatores como contexto postônico favorecedor, cancelamento da vogal [i], compartilhamento do grau de vozeamento entre as consoantes envolvidas, entre outros. Tal interação pode ser compreendida na perspectiva dos Sistemas Adaptativos Complexos (SAC) como uma trajetória que motiva a emergência de padrões inovadores na língua.

Com fundamento na Teoria da Variação, Elisa Battisti e Viviane Tebaldi Moras, no artigo *Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS)*, analisam o processo de vocalização da lateral pós-vocálica, buscando identificar a proporção de aplicação desse processo na comunidade em estudo e os fatores que o condicionam. A partir dos resultados encontrados, as autoras constataam que, diferentemente do encontrado em Tasca (1999), a vocalização da

lateral pós-vocálica é expressiva, atingindo o índice de 72% de aplicação da regra, é condicionada por jovens, ocorre mais na zona urbana e entre pessoas do sexo/gênero feminino. Com base nesses resultados, as autoras sugerem que, em um período de 20 anos, houve um rápido incremento da vocalização na comunidade estudada, o que apontaria para uma mudança linguística em progresso.

Em *Aspectos fonético-fonológicos na produção dos róticos por falantes bilíngues (português-pomerano)*, Giovana Ferreira-Gonçalves e Felipe Bilharva-da-Silva investigam a influência do pomerano na produção oral dos segmentos róticos, a partir da análise das produções de 68 sujeitos do 2º, 3º, 4º e 6º anos, sendo treze bilíngues e dezoito monolíngues da cidade de Arroio do Padre/RS e trinta e sete monolíngues da cidade de Pelotas/RS. A partir dos resultados encontrados, os autores constataam que a troca da fricativa velar pelo tepe alveolar não constitui um fenômeno generalizado na fala dos estudantes de Arroio do Padre e que há grande variação na produção dos sujeitos: enquanto alguns poucos cometem um número de trocas mais recorrente, outros, mesmo que bilíngues, praticamente não realizam nenhuma alteração. Além disso, os autores verificam que os fenômenos envolvendo a produção dos róticos reduzem conforme a série analisada, atingindo índices elevados de produção do segmento alvo no sexto ano, comparáveis aos apresentados pelos sujeitos de Pelotas. Esses resultados indicariam que a diferença entre monolíngues e bilíngues reside não no número global de trocas, mas no tempo de sua manutenção ao longo da escolarização.

A seguir, no artigo *Formação do inventário fonológico de uma criança à luz do Modelo Padrão de Aquisição de Contrastes*, Cristiane Lazzarotto-Volcão e Tayse Feliciano Marques analisam o inventário fonológico de uma criança na idade de 1:2 a 1:5, à luz do Modelo Padrão de Aquisição de Contraste (PAC), fazendo uma discussão dos princípios fonológicos postulados por Clements (2009), para as fonologias das línguas, em relação aos dados da criança estudada. As autoras identificam, no *corpus* colhido, coocorrências de traços presentes na gramática da criança responsáveis pelos contrastes estabelecidos, sendo que os contrastes constatados vão ao encontro do que o PAC prediz para a primeira etapa de aquisição. Além disso, as autoras verificam que o sujeito estudado inicia a construção do seu inventário fonológico pelos sons cujos contrastes são mais robustos, evitando traços marcados que, ao serem incorporados ao seu inventário, passam a combinar-se maximamente com

outros traços, conforme postula o princípio da Economia de Traços (CLEMENTS, 2005).

Em seu artigo, *A produção de sequências consonantais do português por falantes nativos de espanhol*, Luciene Bassols Brisolará investiga a forma como falantes nativos de espanhol produzem sequências consonantais não licenciadas pelo padrão silábico do português. Para tanto, analisa a fala de 14 sujeitos hispânicos, buscando verificar, entre outros, o emprego de epêntese vocálica nos dados da amostra e a existência de fator linguístico que condicione o uso da epêntese. Os resultados encontrados pela autora apontam que, na amostra analisada, há interferência da língua materna, principalmente em palavras com encontro consonantal contendo a oclusiva [b]; a epêntese apresenta baixos índices de ocorrência e não é condicionada por nenhuma sequência consonantal em especial.

O artigo a seguir, *Processo de elevação das vogais postônicas finais em aprendizes de português como LE*, de Luciene Bassols Brisolará, Nicole Telmo Jodar, Renata Machado Borges e Bruna da Rosa de Los Santos, mostra resultados de estudo que investigou a forma como falantes de espanhol, aprendizes de português, produzem as vogais átonas finais. Os resultados apontam que, diferentemente do que ocorre com falantes nativos do português, os aprendizes que têm espanhol como língua materna elevam mais a vogal anterior do que a posterior. Além disso, fatores linguísticos como classe gramatical, número de sílabas da palavra analisada e contexto precedente à vogal analisada mostraram-se relevantes na elevação da postônica. Já em relação aos fatores sociais, a variável informante tem papel no fenômeno analisado.

No artigo *O alçamento das vogais médias pretônicas em Salvador (BA)*, Marcela Moura Torres Paim e Vitor Meneses dos Anjos investigam o comportamento das vogais médias pretônicas (altas e baixas) e vogais altas no português brasileiro a partir dos inquéritos do *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, *corpus* de Salvador (BA), levando em conta fatores sociais como sexo, idade e escolaridade. Os autores constatam o predomínio de vogais médias abertas, tanto anteriores, como posteriores, na posição pretônica. Em relação ao alçamento, foco do trabalho, os autores verificam que falantes mais velhos e com grau de escolaridade menor tendem a elevar mais a pretônica, independentemente de serem as vogais anteriores ou posteriores.

Na sequência, no artigo *Fala, escrita e variedade dialetal no ensino de língua materna*, Bonfim Queiroz Lima, Irismá Oliveira Carvalho e

Luciana de Queiroz Lima discutem as interferências da fala na escrita de alunos e a forma como a escola lida com tais interferências. Para tanto, realizam pesquisa qualitativa de cunho etnográfico na qual observam turmas de terceiro ano (segunda série) de uma escola municipal de Xinguara – Pará e realizam entrevistas com docentes que atuam também em turmas de primeiro ao quinto ano na mesma escola. As autoras sustentam que grande parte desses educadores não está preparada para lidar com o ensino de língua, principalmente com as questões relacionadas à fala e à escrita, já que adotam uma concepção de língua escrita como transcrição da fala, apontando a fala dos alunos como motivo para os erros na escrita. Em sua conclusão, as autoras afirmam que os professores alfabetizadores necessitam de uma formação especial, mais sólida e sofisticada, dada a importância e complexidade de seu trabalho.

O artigo *Desvios na escrita: projeções fonético-fonológicas ou consequências do sistema ortográfico? O ensino reflexivo da ortografia*, de Élide Paulina Ferreira Janainna Alves de Freitas Rocha Dias, tem como objetivo apresentar os principais “desvios” de escrita verificados em textos de alunos e categorizá-los de acordo com as peculiaridades do sistema ortográfico, tomando como referência os estudos de Cagliari (1989); Carraher (1990); Zorzi (1997, 1998) e a teoria dos processos fonológicos de Stampe (1973). As autoras defendem um ensino reflexivo, produtivo da ortografia, de modo a permitir ao discente descobrir o funcionamento do sistema grafo-fonêmico da língua e as convenções ortográficas, tornando-o apto a analisar as relações entre a fala e a escrita.